

A estatística do caos

O que era rotina para a população que procura os serviços de saúde de São Paulo agora tem rigor estatístico. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo (CRM/SP) investigou, entre dezembro e março, 24 unidades de saúde das redes estadual e municipal. Resultados preocupantes. O principal ponto em comum nessas unidades é a constante ausência de pessoal habilitado. O déficit registrado, se assim se pode dizer, é da ordem de 30% nas equipes médicas e de 40% nas de enfermagem. Ou seja, um terço dos profissionais de saúde que deveriam estar trabalhando não comparece a seus postos. A investigação também confirmou que a deficiência em recursos humanos só não é maior do que aquela apresentada "nos materiais de consumo diário e estrutura física".

Um dos critérios utilizados pelo CRM/SP para levantar a amostragem de 24 unidades foi o número de denúncias por unidade recebidas pela entidade. Os resultados confirmaram o acerto do método. Certas situações beiram o absurdo: no Hospital Municipal de Camapó, Limpo, na hora da visita do CRM, para uma equipe de plantão que soma 28 médicos, registrou-se a presença de 9 profissionais no setor. Se, nos aspectos particulares, o estudo encontrou casos extremos, nas conclusões gerais a gravidade da situação é nítida: "Alguns prontos-socorros sequer têm consultório e os médicos atendem pacientes em pé". Não há grandes distinções entre o caos estadual e o municipal quando o assunto é saúde pública: o estudo do CRM/SP mostra que 45% das unidades estaduais de saúde e 42% das municipais apresentam estrutura física "inadequada".

O grave é que nada disso é novidade. Em novembro, o Sindsaúde — a associação dos profissionais em saúde pública — divulgou estudo, mostrando que, na sua amostragem (22 UBS estaduais, isto é, Unidades Básicas de Saúde, os antigos Postos de Saúde), 60% das unidades possuíam apenas um médico das seguintes especialidades: clínica geral, ginecologia e pediatria, e que em mais de 20% delas não havia nenhum! Essa rea-

lidade não é desconhecida do mundo oficial: em novembro, a Secretaria Municipal de Saúde "avisava" que perdera, só em 1993, nada menos de 2.110 médicos de um quadro que no começo do ano registrava 7.758 profissionais. Moti-

vo reconhecido baixos salários e más condições de trabalho. Em dezembro, o secretário estadual de Saúde, Cármino Antônio de Souza, admitia a falta de "27 mil funcionários" na rede esta-

Apesar de as autoridades conhecerem a real situação da saúde pública, elas pouco fazem

dual, diferindo porém, no diagnóstico, pois para ele o turn-over era natural porque a área "é muito estressante". Desse modo, com tal histórico de atuação na fratura exposta da saúde pública paulista, de pouca serventia deve ter o "tempo" pedido pelas autoridades do setor para "avaliar as questões relacionadas" pelo CRM/SP.

Esperança, de fato, de que algo possa mudar na saúde pública vem da constatação de que o relatório do CRM será a base da campanha *Ética na Saúde*. Esse é o caminho. Na mesa-redonda que O Estado realizou em outubro, com 4 professores titulares da Medicina da USP sobre o drama da saúde pública, o responsável pelo setor cirúrgico do Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas foi direto a esse ponto: "Médicos de pronto-socorro enfrentam dilema ético". Quando a pediatra Márcia Pereira Monteiro, na manhã do primeiro domingo de agosto, chegou ao Hospital Regional de Osasco e não encontrou nenhum colega (afora uma psiquiatra) para "tocar o plantão", ela procurou a delegacia de polícia para registrar o BO das suas condições de trabalho. Suas razões são claras: "Se aparecesse um sujeito com tiro no peito, o que eu ia fazer? Sou pediatra".

Se o salário é baixo, não há medicamento, o médico, pelo juramento que fez, está impedido pela ética de compactuar, seja de que forma for, com tal situação. Toda a demanda reprimida de saúde pública vai ao fim e ao cabo bater no médico. Sem condições mínimas de trabalho, ele pouco pode fazer. O CRM tocou em ponto certo, quando lembrou da ética como obrigação primeira daquele que escolheu como profissão a dura tarefa de salvar vidas.